



Artistas de Albergaria

brilham no Parque Mayer

Beatriz Pisco, Luna Santiago e Lucila Pereira integram a mais recente revista à portuguesa do Teatro Maria Vitória. As três artistas, com berço em Associações locais ou de concelhos vizinhos, com saudades da terra e orgulho nas suas raízes, querem levar o público albergariense ao Parque Mayer, em jeito de excursão.

Por: Beatriz Ribeiro

“Eu era muito irrequieta e a minha mãe inscreveu-me na Dança para ver se eu me cansava mais. Só que não foi isso que aconteceu. Apaixonei-me por aquilo. Foi de um castigo para uma paixãozinha”, conta Beatriz Pisco, natural de Telhadela, Ribeira de Fráguas, ao Jornal de Albergaria (JA).

Um começo semelhante, de tentativa de disciplina transformada em sonho, relata Luna Santiago, de Albergaria-a-Velha. “O meu pai via que eu era muito distraída e queria que, antes de entrar para a escolinha, ganhasse foco. Os meus pais concordaram que o ballet me faria bem e inscreveram-me na Jobra. Foi assim que começou”, lembra Luna Santiago.

As duas bailarinas integram hoje o elenco da Paródia Nacional, a mais recente revista do Parque Mayer, em pal-

co no Teatro Maria Vitória até maio de 2024. As artistas, ambas com 21 anos, têm mais de 200 espetáculos pela frente. “Temos de dar tudo em todas as sessões porque o público da tarde não tem culpa das sessões da noite e vice-versa. Este desafio de estarmos sempre a dar o nosso máximo é muito fixe e nenhuma sessão será igual, o público reage de forma diferente. É muito curioso ouvir as gargalhadas e intervenções que fazem”, aponta Luna Santiago.

A revista foi criada em dois meses e meio, com troca de encenador pelo meio e alterações de última hora. Lucila Pereira, atriz e coreógrafa na peça, natural de Alquerubim, teve um papel central em coordenar bailarinos e atores em tempo recorde. “Notava-se que ia para casa e pensava mesmo naquilo e tinha uma série de ideias para me-

lhorar a peça. É uma pessoa cheia de ideias, muito criativa e geriu os ensaios de forma muito inteligente. Está totalmente de parabéns”, elogia Beatriz Pisco.

A antestreia da peça, a 13 de setembro, foi aberta a figuras-públicas e contou com a presença de Carlos Moedas, presidente da Câmara Municipal de Lisboa. A estreia foi igualmente um sucesso. “Estava cheíssimo. Tivemos 1200 pessoas e havia uma fila enorme para os bilhetes. As pessoas que vieram do meu lado elogiaram imenso o espetáculo e estiveram a rir-se do início ao fim”, conta Beatriz Pisco.

BERÇO ALBERGARIENSE

Luna Santiago, na Jobra desde os cinco anos e seguindo para o ensino articulado, fez também atletismo no Campinho, como atleta de meio-fundo e velocidade. “Estive lá cerca de oito anos. Tinha treinos à noite ou de manhã cedo. Para ter essa disciplina desde

muito nova temos de sentir que é mesmo aquilo que queremos. Chegou a um ponto em que o atletismo me estava a dar músculos que me impediam de desenvolver na dança. Estava a ganhar e a perder ao mesmo tempo”, recorda, afirmando que continua a incorporar a corrida na sua vida, como forma de refúgio mental.

Beatriz Pisco deu os primeiros passos, com cinco anos, no Grupo Recreativo e Cultural de Telhadela e foi graças à professora Ana Nunes, hoje com escola de dança própria em Oliveira de Azeméis, que seguiu para o ensino articulado na Jobra (2012-2017), “com ballet contemporâneo, hip-hop e jazz... tudo ali. A professora falou com a minha mãe, falou comigo e foi aí que eu fui para lá”, recorda, com sorriso aberto.

Foi na Jobra que as artistas cruzaram caminhos, no Curso Profissional de Intérprete de Dança Contemporânea, concluído com sucesso em 2020.



- TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DE MERCADORIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS
- VENDA DE MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO

AC
REIAS E BRITAS
ANDRADE & GOUTO, LDA.

T. 919 980 184 | 919 980 185
(chamada p/ a rede móvel nacional)

3720-677 VILA DE CUCUJÃES OAZ

Luna Santiago vê estes anos como uma das muitas experiências positivas que teve ao longo da sua formação escolar, lembrando profissionais como Julia Weh, Joana Seabra, Ana Nunes e Inês Negrão, “que me passaram as melhores emoções sobre o que é partilhar movimento, partilhar um espaço comum a toda a gente e ter estas ligações em cima de um palco”, agradece.

Beatriz Pisco realça o papel da escola branquense na preparação para a revista agora em palco. “Na peça, como bailarinas, acabamos também por representar. O teatro está muito inserido na dança porque também temos de saber interpretar. O espetáculo anual da Jobra é sempre um musical - mistura representação, música e dança. As pessoas saem muito bem preparadas da Jobra e estão cada vez melhores”, diz.

Lucila Pereira, filha de engenheiro que também foi músico, sempre foi incentivada a seguir pelas artes. “Desde pequenina que eu, e os meus irmãos, andamos no Conservatório de Águeda e na Banda 12 de Abril (Travassô). Estive também, desde muito cedo, com a Orquestra Sinfónica de Aveiro e ir em digressão com eles foi uma grande experiência”, recorda. A coreógrafa de 38 anos também fez ballet porque “desde miúda que estava sempre a dançar”.

Lucila Pereira formou-se, há cerca de 20 anos, na Escola Superior de Dança (ESD), em Lisboa, a única do país dedicada à modalidade. Durante a Licenciatura, passou pela Fontys Dance Academy, nos Países Baixos. Antes de Lisboa, frequentou a Academia de Dança Pirmin Treku, no Porto, a escola de ballet mais antiga do norte de Portugal, criada pelo bailarino de renome que ensinou a professora aveirense de Lucila Pereira, entre muitos outros da mesma geração.

TEMPOS CONTURBADOS

Foi através da articulação da Jobra com o meio exterior que Beatriz Pisco começou na DanceCenter, em Aveiro, onde participou em diversas competições de dança, criações e residências artísticas. Nos entretantos, trabalhou junto de uma Associação dedicada a pessoas com deficiência em Ílhavo, em 2018, a convite de uma professora da DanceCenter. Em Albergaria, no mes-

mo ano, passa pelas Passarinhas do Caima, grupo de Carnaval da freguesia natal.

Beatriz Pisco e Luna Santiago voltam a encontrar-se na ESD, onde terminaram o curso este ano, tendo iniciado a Licenciatura em 2020. “Era muito chato, nem sempre havia espaço para fazer os movimentos, os professores viam mal, o chão era de tijoleira o que magoa o corpo... Ficámos sempre ali no vai e vem, mas conseguimos ainda aproveitar um pouco dos professores e aprender”, lembra Beatriz Pisco.

Luna Santiago recorda o impacto da covid-19 na seleção para castings, com o primeiro contacto a ser feito através de fotografias de corpo. “O mundo está diferente e já se veem corpos diferentes, mas ainda há muitos sítios onde se continuam a formatar bailarinas para caberem num certo regime e forma estética. O especial é trazer coisas diferentes para palco. O mundo cá fora é diferente, porque é que tem de ser tudo igual dentro do palco? A Arte cada vez mais está a deixar esses preconceitos da sociedade”, afirma.

Lucila Pereira terminou a Licenciatura num outro momento de crise. “Eu terminei o curso no rescaldo da crise de 2008. Não havia grandes oportunidades, as companhias de dança não estavam a fazer audições, algumas fecharam - como a Gulbenkian - e uma pessoa arranja-se com o que tem. Eu dei muitas aulas, um pouco por todo o país”, recorda.

No caos, surge a oportunidade de dançar com o duo de música popular Némanus, com quem chegou a atuar no Olympia, em Paris. “Foi agridoce por ter sido um momento tão marcante,

mas tão fora do que eu estudei, mas adorei a forma como me abriu os horizontes e de dançar um estilo de música não clássico. Cada mundo é um mundo e sempre tive muito confortável com a ideia de ter de me desvencilhar para viver daquilo que eu gosto”, orgulha-se a coreógrafa.

“É PARA O PÚBLICO QUE FAZEMOS ISTO”

Lucila Pereira recorda a audição que fez no palco junto ao qual conversou com o JA, no Maria Vitória. “Foi a melhor audição da minha vida. Eu já tinha

mais idade que o resto das candidatas e não era a primeira vez que tentava entrar aqui. Vim sem nada a perder e simplesmente diverti-me, foi mágico. A coreógrafa disse-me que fui escolhida nos primeiros cinco minutos”, recorda, emocionada, assumindo o Parque Mayer como uma segunda casa, pela comunidade que se cria entre horas de trabalho e ensaios noite fora, onde começou como bailarina e hoje é coreógrafa a atriz, um lugar difícil de alcançar no Maria Vitória.

“Tenho muito orgulho de onde sou e sei que há muito gente lá com grande talento. Sinto-me muito realizada por ter vindo de lá e chegar onde cheguei”, partilha. Luna Santiago reforça o sentimento: “É especial. Não é por termos de uma cidade pequena ou por termos menos oportunidades que vamos deixar de fazer as coisas. Estar a representar Albergaria com mais duas artistas é muito importante e queria mesmo que todas as pessoas viessem ver a revista e mais espetáculos no geral. É para o público que fazemos isto, é para vocês”, diz.

As três artistas prometem um espetáculo animado, sério e repleto de crítica à atual situação sociopolítica do país e do mundo e lançam o convite aos albergarienses para que venham ver a peça à capital, em jeito de excursão. “Cada vez que eu vejo a peça, mesmo dentro do próprio espetáculo, reparo sempre num novo detalhe. Eles são mesmo inteligentes, são uns génios”, remarca Beatriz Pisco.

OLHAR EM FRENTE

Para o futuro, Lucila Pereira tem “o sonho um bocado distante” de abrir uma escola de dança em Alquerubim, “a melhor aldeia de Portugal ou até do mundo”, como diz. Esta é uma forma de criar as oportunidades que não teve ao crescer em Albergaria. “Na altura, não existia muito. Foi um mundo criado pela minha geração, por este grupo que decidi arriscar”, orgulha-se.

Luna Santiago sonha igualmente em ensinar. A jovem já deu aulas no Seixal e começou este ano o Mestrado em Ensino. “Sempre senti que o meu propósito era ensinar. É algo que quero fazer daqui a muitos anos, quando tiver tido mais experiências de vida. Quero passar tudo aquilo que me passaram. Não é preciso deixar a pessoa a chorar, não é preciso berrar, não é preciso dizer que não se pode comer chocolate para que a pessoa faça as coisas à maneira dela”, advoga Luna Santiago.

Num futuro mais próximo, as duas bailarinas querem seguir na dança contemporânea. “Não me importava nada de ir para o estrangeiro. Há todo um mundo lá fora. Vou continuar a dançar, disso, não tenho dúvidas nenhuma”, vinca Beatriz Pisco, que chegou a entrar no London Studio Center, “mas era muito caro e com a confusão da pandemia optei por ficar por aqui”, diz.

Luna Santiago também não exclui a opção de sair do país e ambiciona trabalhar com companhias de dança nos Países Baixos. “Quero muito conseguir um trabalho na área do contemporâneo, numa boa companhia, seja em Portugal ou lá fora. E estudar, estar sempre em contacto com pessoas. A pintura, leitura, música - áreas que quero explorar - e as experiências que tenho são a minha inspiração”, termina.



Foto: JA por Beatriz Ribeiro
Lucila Pereira conversa com o JA junto ao palco onde fez “a melhor audição” da sua vida



Foto: JA por Beatriz Ribeiro
As duas bailarinas deram os primeiros passos em Associações do concelho

Pub.

“TENS DE IR À MULTIOPTICAS”
CLIENTE MULTIOPTICAS

DESCONTO IGUAL À IDADE

DESCONTO A DOBRAR EM PROGRESSIVOS

ALBERGARIA-A-VELHA - Av. Dr. José Homem Albuquerque, 32 (Junto ao Cinetatro Alba), Telf.: 234 523 183, Telm.: 960 256 709

Promoção válida nas lojas aderentes de 14/09/2023 a 31/01/2024 na compra de armação + lentes a partir de Bronze (exclui lentes base com antirrisco), o desconto é em euros e duplica na compra de lentes progressivas, não acumulável com protocolos gerais e convencionados, com outras promoções em vigor na loja nem com armações dos Preços Leves. Informe-se sobre todas as condições junto dos nossos colaboradores e em www.multiopticas.pt

MultiOpticas
Olha por mim, sempre